

A relevância da intertextualidade para os estudos de adaptação

Tiago Marques Luiz (UFU)*
ORCID 0000-0003-4462-3050

Resumo: Toda adaptação pode servir como um intertexto para futuras adaptações ou até mesmo estabelecer uma correspondência com o primeiro texto. Assim, podemos dizer que o intertexto é relevante para melhor compreensão do fenômeno adaptativo, uma vez que nenhuma produção em si é original, mostrando relação seus antecessores. Nesse sentido, propomos uma discussão entre os Estudos da Adaptação e a teoria da intertextualidade para mostrar o quão importante é a presença do intertexto em uma nova produção adaptada. Para esse propósito, lançamos mão das reflexões de Roland Barthes (2004), Tiphaine Samoyault (2008) e Kamilla Elliott (2020), entre outros pesquisadores que têm se debruçado sobre essa correspondência frutífera entre o fenômeno da adaptação e a variante intertextual.

Palavras-chave: Intertextualidade; Estudos da Adaptação; Texto

Abstract: Any adaptation can either serve as an intertext for future adaptations or establish a correspondence with the first text. Thus, we can say that the intertext is relevant for the better understanding of the adaptive phenomenon, since no production is original by itself, clarifying the debit and credit in relation to its predecessors. In this sense, we propose a discussion between Adaptation Studies and intertextuality theory to expose how important the presence of intertext is in a new adapted production. For this purpose, we have at hand the reflections of Roland Barthes (2004), Tiphaine Samoyault (2008) and Kamilla Elliott (2020), among other researchers who have dedicated themselves to this fruitful correspondence between the phenomenon of adaptation and the intertextual variant.

Keywords: Intertextuality; Adaptation studies; Text

Resumen: Toda adaptación bien puede servirse como un intertexto para futuras adaptaciones o bien establecer una correspondencia con el primer texto. Así, podemos decir que el intertexto es relevante para la mejor comprensión del fenómeno adaptativo, una vez que ninguna producción es original en sí misma, aclarando la relación a sus antecesores. En ese sentido, proponemos una discusión entre los Estudios de la Adaptación y la teoría de la intertextualidad para exponer cuán importante es la presencia del intertexto en una nueva producción adaptada. Para dicho propósito, dialogamos con las reflexiones de Roland Barthes (2004), Tiphaine Samoyault (2008) y Kamilla Elliott (2020), entre otros investigadores que se han detenido sobre esa correspondencia frutífera entre el fenómeno de la adaptación y la variante intertextual.

Palabras-clave: Intertextualidad; Estudios de la adaptación; Texto

Recebido em: 12 maio 2021

| Aprovado em: 10 nov. 2021

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: markx2006@gmail.com.

Considerações iniciais

O texto não é um objeto autônomo ou unificado, mas um conjunto de relações com outros textos. [...]. A “genealogia” do texto é necessariamente uma rede incompleta de fragmentos emprestados conscientes e inconscientes. [...] Todo texto é intertexto. (LEITCH, 1983, p. 59, tradução nossa¹).

As adaptações têm sido frequentes em nossa contemporaneidade, abrangendo múltiplas linguagens, como o cinema, a televisão, as histórias em quadrinhos e, recentemente, as mídias digitais, que veiculam conteúdos como *audiobooks* de livros clássicos e contemporâneos como uma forma de contato com a literatura, por meio da oralidade, à qual muitas vezes se acrescentam imagens estáticas ou animadas.

É notório o quanto as adaptações têm se adequadado às novas mídias, reestruturando textos-base para melhor recepção de um determinado público, seja para atender a uma demanda editorial ou mercadológica, seja para garantir a sobrevivência desses textos diante das novas linguagens que surgem no decorrer do tempo. São novas modalidades textuais que estão acessíveis a leitores, espectadores, *gamers* e adeptos das novas mídias; contudo, é preciso levar em consideração um elemento crucial para as adaptações surgirem e serem reconhecidas como tais, qual seja, o texto de partida, que acaba se tornando um novo intertexto.

Este trabalho tem como propósito refletir a respeito da relação entre os estudos da adaptação e da intertextualidade, ressaltando o quanto a segunda é relevante para a primeira, no quesito “matéria-prima”. Para isso, recorreremos a teóricos como Mikhail Bakhtin (2015), Julia Kristeva (2005), Roland Barthes (2004) e Tiphaine Samoyault (2008), para tratar do fenômeno da intertextualidade, enquanto Vicent Leitch (1983), Kamilla Elliot (2020) e Linda Hutcheon (2013) nos auxiliarão na discussão relativa à adaptação.

A justificativa para tratarmos da intertextualidade nos Estudos de Adaptação é o fato de ela nos permitir o distanciamento das noções de influência e de originalidade no tocante à adaptação de textos literários para múltiplas linguagens, uma vez que “[...] o texto não é legitimado em sua corporeidade ou singularidade, mas sim por ser escrito a partir de, sobre e dentro de outros textos” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 74, tradução nossa²).

Se pensarmos em nossa contemporaneidade, a obra literária, antes considerada exclusiva, hermética e com certo grau de autoridade, abre margem para a leitura intertextual. Essa leitura, por sua natureza, estabelece uma diferença com base na semelhança, indo na contracorrente da atribuição de um caráter homogêneo à produção artística. Como bem argumenta Linda Hutcheon (1991), a intertextualidade faz uma interlocução entre passado e presente, com o “[...] desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto” (HUTCHEON, 1991, p. 157).

A intertextualidade é um fenômeno presente em grande parte dos gêneros textuais, passíveis tanto de tradução quanto de adaptação. No caso da adaptação para múltiplas mídias, a intertextualidade tem bastante relevância, uma vez que elementos como citações, alusões e referências que figuram na produção textual podem ser redimensionados em uma linguagem visual e/ou sonora, de forma harmoniosa, compondo o todo do texto e

¹ No original: “The text is not an autonomous or unified object, but a set of relations with other texts. [...] The ‘genealogy’ of the text is necessarily an incomplete network of conscious and unconscious borrowed fragments. [...] Every text is intertext”.

² No original: “[...] el texto no se legitima en su corporeidad o singularidad, sino por estar escrito desde, sobre y dentro de otros textos”.

contribuindo sobremaneira para os sentidos a ele atribuídos.

Como bem pontua Claudio Guillén, no âmbito dos estudos comparados o valor da intertextualidade é imensurável, pois, ao se falar de intertexto, aponta-se para o desejo de “[...] denotar algo que aparece na obra, que está nela, não um longo processo genético em que interessava principalmente o trânsito, o crescimento, relegando a um mesmo segundo plano tanto a origem quanto o resultado” (GUILLÉN, 2005, p. 289-290, tradução nossa³).

A intertextualidade nos estudos de adaptação, a nosso ver, é um elemento que pode contribuir “[...] para delimitar mais claramente as características particulares dessa interessante prática transferencial” (SEGOVIA, 2001, p. 229, tradução nossa⁴). Para esse propósito, iniciamos este texto fazendo um breve recorte da teoria da intertextualidade, seguindo para a correspondência entre a teoria da adaptação e o intertexto e, por fim, esboçamos nossas reflexões finais.

Intertextualidade: o texto de partida

A teoria da intertextualidade, fundamentada por Julia Kristeva (2005), aponta para a construção de uma dinâmica entre vários textos, desvinculando-se do texto-primeiro como única referência, ressaltando que esse texto é, ele próprio, fruto de outros textos anteriores a ele, integrando-se, portanto, como mais um texto desse fluxo textual que permeia o processo de criação. Essa relação antagônica de subtração e adição entre “[...] as obras de arte é um gesto semântico que as estrutura: é a orientação do sentido de seu artefato, é a delimitação de um espaço em contraposição ou aproximação para com espaços ocupados por outras obras” (KOTHE, 2019, p. 162).

Para tratarmos de um tópico relevante como a intertextualidade, é preciso resgatar o princípio dialógico de Bakhtin, considerado seu marco fundacional. Em seu texto *Problemas da poética de Dostoiévski* (2015), o princípio do dialogismo se respalda na desmontagem estática⁵ de um texto para a aglomeração de vários conjuntos de estruturas literárias. Por meio dessa perspectiva, entende-se que um texto literário não tem sentido fixo, apresentando-se como o cruzamento de várias matrizes textuais: o autor, o destinatário, o contexto cultural atual e o anterior.

Para Mikhail Bakhtin (2015), como gênero, o romance não se encaixa em um sistema homogêneo e linear, pois o próprio discurso do autor é resultado e confluência de discursos anteriores a ele, corroborando o conceito de dialogismo. A própria ideia de adaptação, independentemente da mídia utilizada, vai ao encontro dessa acepção, no sentido de que a leitura que fazemos de um texto que não o literário instaura um processo de diálogo, distanciando-se de uma única estilística. Desse modo, a adaptação intermediária nos permite averiguar um conjunto de sistemas de linguagem inter-relacionados.

Bakhtin argumenta que um texto não existe sem o outro, como forma de atração ou de rejeição, de forma que o diálogo entre duas ou mais vozes seja estabelecido. Conforme argumentam Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin:

A noção de dialogismo – escrita em que se lê o outro, o discurso do

³ No original: “[...] denotar algo que aparece en la obra, que está en ella, no un largo proceso genético en que interesaba ante todo un tránsito, un crecimiento, relegando a segundo plano lo mismo el origen que el resultado”.

⁴ No original: “[...] a delimitar más claramente las características particulares de esta interesante práctica transferencial”.

⁵ Na obra sobre Dostoiévski, Bakhtin demarca o caráter versátil e polifônico do romance desse autor, o que significa dizer que a narrativa pode ser lida e interpretada de várias maneiras, atribuindo-lhe diferentes significados e eliminando, assim, a interpretação linear.

outro – remete a outra, explicitada por Kristeva (1969) ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos, teria apresentado a idéia de intertextualidade (BARROS; FIORIN, 1999, p. 50).

O diálogo ocorre não apenas em um discurso fechado, mas também com outros discursos e seus públicos. Esse caráter dialógico e polifônico do texto reafirma as adaptações de textos literários como atividades em que há um processo textual tanto de (re)escrita quanto de potencialização do significado, os quais são realizados por vários agentes, como o diretor, o roteirista, o ator, o cenógrafo, o editor, o tradutor, entre outros profissionais, que irão “imprimir” sua leitura, sua voz e, conseqüentemente, seus valores sociais e culturais, que o condicionam no trabalho com o texto-base.

Em Bakhtin, a relação dos diálogos é criada pelo cruzamento de diferentes vozes e/ou discursos e, embora o teórico russo se baseie na literatura, o dialogismo também pode ser considerado no cruzamento de vários meios de comunicação. Tal intersecção permite enfatizar que o termo dialogismo pode ser denominado polifonia, caracterizando-se como um diálogo em que muitas vozes se tornam visíveis.

É possível dizer que, analisando a poética de Rabelais e de Dostoiévski, Bakhtin teve a preocupação de ser fidedigno ao conceito de dialogismo, cuja premissa é a de que o discurso se constrói em vista de outros, o que significa dizer que “[...] o outro perpassa, atravessa, condiciona o discurso do eu. Bakhtin aprofundou esse conceito, mostrou suas várias faces: a concepção carnavalesca do mundo, a palavra bivocal, o romance polifônico etc.” (BARROS; FIORIN, 1999, p. 29).

De Mikhail Bakhtin (2015) saltamos para Júlia Kristeva (2005), que faz uma revisão do princípio dialógico daquele para estabelecer sua noção de intertextualidade. A teórica diz que o dialogismo bakhtiniano considera a escritura em sua dupla natureza, ou seja, “[...] como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como *intertextualidade*; face a esse dialogismo, a noção de *pessoa-sujeito* da escritura começa a se esfumar para ceder lugar a uma outra, a da *ambivalência da escritura*”, que vai consistir na representação de “[...] *duas vias que se unem na narrativa*” (KRISTEVA, 2005, p. 70, grifos da autora).

Júlia Kristeva cunhou o termo intertextualidade com base no dialogismo de Bakhtin, uma vez que em qualquer discurso textual ou artístico acontece um diálogo com outros textos, bem como com o público que o acessa. Deve-se notar que o foco principal na intertextualidade foram os estudos literários – citando textos – como a incorporação de um texto em outro para reprodução ou transformação. No entanto, o termo também pode ser usado para outras produções textuais, pictóricas e midiáticas que trabalham e desenvolvem sua narrativa discursiva por meio desse artifício.

Em outras palavras, Kristeva pontua que o texto, para Bakhtin, tem um caráter de réplica e absorção de um outro texto. Contudo, é preciso, com respeito a Kristeva e Bakhtin, ter cautela ao evocar os termos *réplica* e *absorção*: o primeiro consiste em uma reprodução exata do texto, ao passo que o segundo denota um aproveitamento total do texto.

Podemos dizer que, em se tratando de uma adaptação, seja ela para qual mídia for, é bastante improvável que o texto-base seja reproduzido em sua totalidade, dado o fato de que os eixos temporal e estético das mídias vão condicionar o trabalho com o texto-base, inviabilizando a totalidade deste, uma vez que como a adaptação consiste em um processo de interpretação, muitas partes serão sublimadas em detrimento de outras. Nesse sentido, pode ser mais adequado pensarmos na imagem da deglutição, na qual o organismo processa apenas parte dos alimentos, eliminando completamente aquilo que não lhe é útil.

Como argumenta Kristeva, não se pode considerar o significado de um texto “[...] dependente de um único código. Ele é ponto de cruzamento de vários códigos (pelo menos dois), que se encontram em relação de negação uns com os outros” (KRISTEVA, 2005, p. 185). A teórica considera a intertextualidade como uma extensão da polifonia, em que se abre espaço para o diálogo textual, permitindo que o texto seja liberto da “[...] falsa ilusão tanto no escritor que se julga diferente quanto no leitor que apreciará a qualidade de uma obra em razão de seu aparente traço inusitado e individual” (NITRINI, 2010, p. 141).

A intertextualidade substitui a relação polêmica autor-texto pela relação leitor-texto, em que este último localiza o lugar do sentido do texto na própria história do discurso. Na verdade, as obras literárias não podem mais ser consideradas originais, e se o fossem, não fariam sentido para seus leitores. Tal como o discurso anterior, qualquer texto tem significado e importância:

A intertextualidade postula tanto um cerco histórico descentrado quanto uma base abismal descentrada para a linguagem e a textualidade; ao fazê-lo, expõe todas as contextualizações como limitadas e limitantes, arbitrárias e confinantes, egoístas e autoritárias, teológicas e políticas. Por mais paradoxal que sua formulação seja, a intertextualidade proporciona um determinismo libertador. (LEITCH, 1983, p. 162, tradução nossa⁶).

Podemos dizer que essa correspondência entre intertextualidade e narrativa geralmente não é vista como uma redução do escopo e do valor do romance, mas como uma possibilidade para sua expansão. Afinal, tanto a história quanto a literatura fornecem elementos intertextuais para os romances e adaptações, de modo que se desconsidere a existência de uma hierarquia entre eles. Ambos fazem parte do sistema simbólico de nossa cultura, e nele estão seus significados e valores (HUTCHEON, 1991, p. 182).

A palavra literária, portanto, não é fixa, mas um diálogo entre vários escritos. Esse diálogo ocorre entre três linguagens: a do escritor, a do destinatário (seja intratextual ou extratextual) e a do contexto cultural anterior ou atual. Por isso, a palavra literária é dupla, podendo ser considerada vertical ou horizontalmente: horizontalmente, a palavra está relacionada ao sujeito da escrita e ao destinatário; verticalmente, ao texto que a veicula e a textos anteriores (KRISTEVA, 2005; BARTHES, 2004).

É possível observar ainda que a linguagem literária instaura um diálogo intertextual que, segundo Sandra Nitrini (2010), também tem uma dupla orientação: a primeira diz respeito à reminiscência e a segunda à somação; aquela faz jus à evocação de uma escritura, ao passo que esta diz respeito à transformação dessa escritura, ou seja, “[...] remete a outros livros e, pelo processo de somação, confere a esses livros um novo modo de ser, elaborando assim a sua própria significação” (NITRINI, 2010, p. 163).

Pelo seu modo de escrever, lendo o corpus literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história e a sociedade se escreve no texto. Este, por sua vez, é inserido em um novo contexto, segundo as convenções de tempo e sociedade que norteiam a recepção da obra fílmica. Em outras palavras, o estudo de uma obra literária “[...] buscará inicialmente avaliar as semelhanças que persistem entre o enunciado transformador e o seu lugar de origem e, em segundo lugar, ver de que modo o intertexto absorveu o material do qual se apropriou” (NITRINI, 2010, p. 164).

A partir dessa observação e verificação intertextual, realiza-se então uma crítica

⁶ No original: “[...] intertextuality posits both an uncentered historical enclosure and an abysmal decentered foundation for language and textuality; in so doing, it exposes all contextualizations as limited and limiting, arbitrary and confining, self-serving and authoritarian, theological and political. However paradoxically formulated, intertextuality offers a liberating determinism”.

ampliada, com o objetivo de que a leitura “[...] não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações” (CARVALHAL, 2006, p. 52). Diante disso, a articulação entre os Estudos da Adaptação e da Intertextualidade permite melhor compreensão do binômio literatura e mídias, em que as estratégias de apropriação e reformulação textual acabam “[...] alterando o entendimento da mobilidade contínua dos elementos literários e revertendo a compreensão das tradicionais noções de fontes e influências” (CARVALHAL, 1996, p. 13). Isso significa que o intertexto se faz presente em diversos níveis, como o estilístico e o formal, por exemplo, tanto demandando quanto possibilitando um reconhecimento, por parte do leitor, dos textos da cultura de partida e dos textos da cultura de chegada que com ele dialogam.

A intertextualidade, portanto, ampliou a concepção da escrita literária e artística, permitindo ao comparatista a leitura tanto de um texto quanto dos intertextos nele evidenciados para que se compreenda melhor “[...] como se trama (ou se intertece) o universo literário” (CARVALHAL, 1996, p. 13). Conclui-se, então, que a correspondência entre texto e intertextos, como também a questão da recriação dos textos, resulta em uma melhor analítica dos processos “[...] de criação literária, favorecendo não só o conhecimento do funcionamento e das peculiaridades dos textos, mas também a compreensão dos procedimentos da produção literária” (CARVALHAL, 1996, p. 14).

O que chamamos de intertextualidade é, pois, uma outra forma de comparação, em que o significado emerge da interação entre os textos. Como bem argumenta Ben Hutchinson, a intertextualidade é um modelo para os Estudos de Adaptação, por proporcionar um panorama mais amplo de estudo do que o conceito de influência, não apenas apresentando a relação entre duas obras, mas também “[...] as maneiras pelas quais entendemos essa relação por meio de estruturas pré-existentes. O próprio significado, em suma, deve ser encontrado nos espaços ‘entre’ os textos” (HUTCHINSON, 2018, p. 42, tradução nossa⁷).

A relevância da intertextualidade para os estudos da adaptação

Nesta seção, abordaremos aspectos que reforçam a relação entre intertextualidade e adaptação. É preciso partir do pressuposto de que, se o conhecimento de leitura não for acionado pelo leitor, a adaptação pode não ser reconhecida enquanto tal. Antonio Mendoza Fillola (2001) define o intertexto como o elemento que ativa os saberes e permite ao leitor/espectador “[...] reconhecer as características e recursos, os usos linguístico-culturais e as convenções de expressão estética e de caracterização literária do discurso” (FILOLLA, 2001, p. 95, tradução nossa⁸).

Com o intertexto discursivo nos referimos ao conjunto de textos, que pode ser composto por um ou muitos, que o leitor deve conhecer para alcançar o sentido de uma obra literária. Quanto mais amplo for o conhecimento intertextual do leitor, mais próximo ele estará do discurso literário, da ideologia, das perspectivas da época de produção de um texto etc. Em outras palavras, quanto mais informações intertextuais o leitor for capaz de processar, mais próximo ele estará da adaptação e de poder considerá-la também como um intertexto.

⁷ No original: “[...] the ways in which we make sense of this relationship through pre-existing frameworks. Meaning itself, in short, is to be found in the spaces ‘between’ texts”.

⁸ No original: “[...] el mecanismo que, selectivamente, activa los saberes y las estrategias que permiten reconocer los rasgos y los recursos, los usos lingüístico-culturales y los convencionalismos de expresión estética y de caracterización literaria del discurso”.

Segundo Julie Sanders (2015), o reconhecimento das referências intertextuais e de sua justaposição com o texto-adaptado é crucial para as operações de adaptação cultural e para o desfrute constante do leitor e do espectador no processamento das relações intertextuais. Nas palavras da teórica:

É essa sensação inerente de jogo mutuamente informativo, produzido em parte pela ativação de nosso senso informado de semelhança e diferença entre os textos sendo invocados, e a interação conectada de expectativa e surpresa, que para mim está no cerne da experiência de adaptação e apropriação (SANDERS, 2015, p. 34, tradução nossa⁹).

Sanders parte do pressuposto de que o foco da adaptação está em analisar as semelhanças e dissidências entre os textos envolvidos, propondo o que ela chama de comparação intertextual. Concordamos com Sanders e Kristeva que arte, música, drama, dança e literatura são “[...] um mosaico vivo, uma interseção dinâmica de superfícies textuais” (SANDERS, 2015, p. 5, tradução nossa¹⁰). Cada adaptação, enquanto texto de natureza audiovisual (televisão, cinema, teatro, dança, ópera, videogames) ou visual (pintura, escultura, quadrinhos, arquitetura) pode apresentar, de forma parcial ou total, referência a determinada obra, personagem ou momento histórico que considere pertinente, lembrando que o ponto de partida desse processo se encontra no próprio texto literário, por sua inesgotável memória.

Rosa Agost (1999) diz que na intertextualidade audiovisual destacam-se aqueles textos que trazem em seu núcleo a referência a textos de natureza oral e/ou escrita, podendo ser estes contemporâneos ou clássicos. Na mesma linha de pensamento, Fredric Chaume (2004) esclarece que o intertexto audiovisual é potencializado pela junção do verbal com outros códigos semióticos, como a música, o cenário, a própria voz do ator e da atriz, entre outros, o que nos permite inferir que, mesmo sem o componente verbal, a imagem em movimento pode ser uma forma de intertextualidade.

Para Linda Hutcheon (2013), a adaptação do texto literário para o texto audiovisual – e também para o visual – envolve um processo interpretativo e criativo. A pesquisadora ressalta ainda que, nessa etapa de transposição, tanto o eixo temporal como o público a receber o texto-adaptado têm grande impacto na produção do texto. Esse processo, entretanto, não desqualifica a adaptação enquanto intertexto, pois ela faz com que nossa memória textual evoque as nuances do texto-base que possibilitaram essa redimensão e recepção.

Kamilla Elliott (2020) resgata a definição clássica de Darwin sobre a evolução das espécies e a aplica ao contexto das adaptações enquanto textos. Para a teórica, a adaptação difere da intertextualidade e da intermedialidade, pois enquanto as duas últimas se concentram nas relações textuais e midiáticas, a adaptação tem seu foco “[...] nas mudanças feitas para se adequar a novos ambientes. Os ambientes de adaptação incluem não apenas contextos históricos e culturais, mas também textuais e de mídia” (ELLIOTT, 2020, p. 33-34, tradução nossa¹¹).

Cada texto, portanto, implica um processo de produção, e não de reprodução. O receptor possui esquemas internos que o levam a ser capaz de interpretá-lo de forma

⁹ No original: “It is this inherent sense of mutually informing play, produced in part by the activation of our informed sense of similarity and difference between the texts being invoked, and the connected interplay of expectation and surprise, that for me lies at the heart of the experience of adaptation and appropriation”.

¹⁰ No original: “[...] a living mosaic, a dynamic intersection of textual surfaces”.

¹¹ No original: “[...] on changes made to suit new environments. Adaptation’s environments include not only historical and cultural contexts but also textual and media ones”.

consistente em todos os níveis, sendo a correta identificação das referências intertextuais uma parte central dessa interpretação.

Roland Barthes (2004) afirmou que a intertextualidade nada tem a ver com os antigos conceitos de fonte ou influência – como já dito em relação à Literatura Comparada –, pois todos os textos são, em essência, intertextuais, com graus de variações mais ou menos perceptíveis. Isso é válido tanto para o texto da cultura de partida quanto para o da cultura de chegada, sendo ambos um conjunto de citações passadas redimensionadas em sua forma de organização. Em suas estruturas transitam continuamente um conjunto de modelos, fórmulas, códigos e fragmentos, pois a linguagem *per se* existe antes e em torno do texto.

Por sua vez, Lubomír Doležel (1990), semioticista tcheco, denomina a correspondência entre adaptação e intertextualidade de *transdução literária*, cuja proposta abarca fenômenos diversos como tradição literária, intertextualidade, influência e transferência intercultural. Segundo ele, no tocante à relação adaptação e intertextualidade, a transdução incorre na incorporação total ou parcial de um texto em outro, na adaptação de um gênero a outro – entendendo aqui a passagem do romance para as outras mídias –, e também na tradução interlinguística, o que significa dizer que essas modalidades “[...] produzem transformações textuais, variando de citações literais a textos *metateóricos* substancialmente diferentes” (DOLEŽEL, 1990, p. 232, tradução nossa¹²).

A transdução propõe uma nova leitura e a revisão do conceito de intertextualidade, revelando não só a relação de coexistência entre um texto e outro, mas também a interação de seus sentidos no ato de interpretação realizado por cada leitor, pensando-se aqui em especial o fenômeno da adaptação, uma vez que cada indivíduo tem uma bagagem de leitura particular.

Tiphaine Samoyault postula que escrever é reescrever, recorrendo para isso a pleonasmos como a literatura “só existe porque já existe a literatura” e “o desejo da literatura é ser literatura”: isso se deveria ao fato de a literatura propor uma interação no seu próprio campo por meio dos gêneros literários e dramáticos, os quais foram se subdividindo ao longo do tempo, expandindo-se rumo às outras artes e gerando, assim, um novo tipo de literatura (SAMOYAULT, 2008, p. 74). Ela afirma, ainda, que a literatura, para a teoria da tradução, é um tipo de “transmissão”, porque ela proporciona “[...] a retomada, a adaptação de um mesmo assunto a um público diferente. E do mesmo modo que um novo amor faz nascer a lembrança do antigo, a literatura nova faz nascer a lembrança da literatura” (SAMOYAULT, 2008, p. 75).

Graham Allen (2011), por sua vez, aponta que a intertextualidade é condição *sine qua non* para a existência de um texto e que sua identificação denota um ato de interpretação, tornando esse texto não somente uma fonte real e causativa, mas um elemento que amplia os propósitos de uma leitura. A nossa contemporaneidade, marcada pelo advento das novas mídias, permitiu rever o intertexto para além da questão literária, fazendo com que ele se deslocasse e se tornasse visível em outras linguagens.

Como o texto não existe de forma isolada, o mesmo pode ser dito do autor; ele está circunscrito em um contexto social e cultural que lhe proporcionou o processo intertextual de sua escrita, tornando-se ele próprio um fruto desse contexto. Nas palavras de Vincent Leitch (1983), as obras literárias (como também as adaptações) são filtradas pelos textos anteriores, permitindo que o intertexto atual possa reformular o contexto histórico matriz, permitindo inferir que “[...] todos os textos antecipam sua futura apropriação. E os textos, enquanto aguardam uma interpretação futura, podem antecipar uma leitura incorreta e uma

¹² No original: “[...] producen transformaciones textuales que abarcan desde citas literales hasta textos *metateóricos* substancialmente diferentes”.

suplementação crítica” (LEITCH, 1983, p. 99, tradução nossa¹³).

Partindo do argumento de Luis Pegenaute (2008) de que a intertextualidade é um elemento a ser apreciado nos textos literários, no que diz respeito à tradução é necessário que o tradutor, enquanto mediador de textos, reconheça a importância e relevância dos intertextos para a melhor realização do seu ofício, ou seja, que esteja intimamente familiarizado com o universo de textos “[...] que constituem o acervo textual compartilhado pelos participantes no ato comunicativo original, a fim de apreciar quais são as ressonâncias que tais textos exercem sobre o texto a ser traduzido” (PEGENAUTE, 2008, p. 346, tradução nossa¹⁴).

Considerações finais

A teoria da intertextualidade no estudo de uma adaptação deve observar dois eixos: o primeiro destaca a importância do texto anterior e o segundo enfatiza a intenção comunicativa e as relações contextuais, que são a premissa para melhor compreensão de qualquer texto. Cada novo texto surge então como um intertexto, por meio de um vínculo com textos, códigos e linguagens anteriores. É por isso que o escopo e o estudo da adaptação não devem se limitar aos processos de reescrita de um único texto-base em um único sistema, podendo considerar possíveis transferências intertextuais que vão mediar a correspondência entre o texto-base e o texto-adaptado.

Apesar da simultaneidade do intertexto (audio)visual, é importante esclarecer que, por vezes, a intertextualidade pode ter um caráter literário, como em diálogos entre os personagens que remetem a passagens de obras conhecidas e que se tornam, assim, um fio condutor para o desenvolvimento da trama, ou um caráter mais linguístico, como o título do filme ou série, a sinopse e, conseqüentemente, os personagens.

Nas mídias encontra-se uma multiplicidade de signos e, por mais que haja a tentativa de fazer o verbal dominar os demais componentes, a adaptação que se faz do primeiro nos demais elementos já configura uma leitura e interpretação por parte dos agentes envolvidos, cabendo ao leitor/espectador conferir interpretação a essa nova obra que lhe é apresentada, com um novo significado. Nas palavras de Rosa Rabadán:

Se aplicamos as relações intertextuais à interação entre sistemas ou discursos (instituição: cinema, literatura, música, política...), parece evidente que o que chamamos de intertextualidade influencia claramente a criação e/ou consolidação de outras estruturas semióticas, tais como ideologias, o cânone literário e/ou textual e as normas de aceitabilidade cultural (RABADÁN, 1994, p. 132, tradução nossa¹⁵).

É preciso ponderar que toda adaptação consiste em uma manipulação do texto-base e que a intertextualidade é um fator que tem relevância nesse processo. Portanto, se traduzir e adaptar consiste em “[...] transmitir significados entre diferentes culturas, e se

¹³ No original: “[...] all texts anticipate their future appropriation. And texts, as they await future interpretation, can anticipate misreading and critical supplementation”.

¹⁴ No original: “[...] que constituyen el acervo textual compartido por los participantes en el acto comunicativo original, con el fin de apreciar cuáles son las resonancias que tales textos ejercen sobre el texto que ha de traducir”.

¹⁵ No original: “Si aplicamos las relaciones intertextuales a la interacción entre sistemas o discursos (institución: cine, literatura, música, política...) parece evidente que lo que hemos llamado intertextualidad influye de manera evidente en la creación y/o consolidación de otras estructuras semióticas tales como las ideologías, el canon literario y/o textual y las normas de aceptabilidad cultural”.

parte desse sentido vem da interação entre produtos textuais, o resultado é que públicos receptores reconhecerão e identificarão alguns textos em outros” (RABADÁN, 1994, p. 132, tradução nossa¹⁶).

Por fim, seria ingênuo de nossa parte, enquanto comparatistas, conceber a adaptação como um projeto de origem instantânea, em que quem a concebeu teria prontidão e acurácia para desenvolvê-la em pouco tempo. A riqueza do trabalho vai depender de como o adaptador manipula e utiliza os meios tanto do texto literário quanto do texto-adaptado, enaltecendo o conteúdo que ele julga ser importante no projeto e fazendo com que esse conteúdo, agora redimensionado além das páginas, desperte o interesse de seu público.

Referências

- AGOST, R. **Traducción y doblaje**: palabras, voces e imágenes. Barcelona: Ariel, 1999.
- ALLEN, G. **Intertextuality**. 2nd edition. London and New York: Routledge, 2011.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1999.
- BARTHES, R. Texto (teoria do). In: BARTHES, R. **Inéditos I – teoria**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 261-289.
- CARVALHAL, T. F. A Literatura Comparada na confluência dos séculos. In: CUNHA, E. L.; SOUZA, E. M. (org.). **Literatura Comparada**: Ensaios. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 11-18.
- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CHAUME, F. **Cine y traducción**. Madrid: Cátedra, 2004.
- DOLEŽEL, L. **Historia breve de la poética**. Versión en español por Luis Albuquerque. Madrid: Síntesis Editorial, 1990.
- ELLIOT, K. **Theorizing Adaptation**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- FERNÁNDEZ, J. E. M. **La intertextualidad literaria**: base teórica y práctica textual. Madrid: Cátedra, 2001.
- FILLOLA, A. M. **El intertexto lector**: el espacio de encuentro de las aportaciones del texto con las del lector. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla la Mancha, 2001.
- GUILLÉN, C. **Entre lo uno y lo diverso**: introducción a la Literatura Comparada (Ayer y hoy). Barcelona: Tusquets, 2005.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- HUTCHEON, L. **Uma teoria da adaptação**. 2. ed. Tradução de André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- HUTCHINSON, B. **Comparative Literature**: A Very Short Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. 2. ed. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- KOTHE, F. R. **Literatura e sistemas intersemióticos**. Cotia: Cajuína, 2019.
- LEITCH, V. B. **Deconstructive Criticism**: an advanced introduction. New York: Columbia University Press, 1983.

¹⁶ No original: “[...] consiste en transmitir significados entre culturas distintas, y si parte de ese significado procede de la interacción entre los productos textuales, el resultado es que los receptores reconocerán e identificarán unos textos en otros”.

- NITRINI, S. **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- PEGENAUTE, L. Relaciones intertextuales y traducción. In: CAMPS, A.; ZYBATOW, L. (ed.). **La traducción literaria en la época contemporánea**: actas de la Conferencia Internacional “Traducción e intercambio cultural en la época de la globalización”, mayo de 2006, Universidad de Barcelona. Band 10. Frankfurt: Peter Lang, 2008. p. 345-352.
- RABADÁN, R. Traducción, Intertextualidad, Manipulación. In: HURTADO-ALBIR, A. (ed.). **Estudis sobre la traducció**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 1994. p. 129-139.
- SAMOYAULT, T. **A intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.
- SANDERS, J. **Adaptation and appropriation**. 2nd edition. New York: Routledge, 2015.
- SEGOVIA, R. Adaptación, traducción y otros tipos de transferencias. In: CHAUME, F.; AGOST, R. (ed.). **La traducción en los medios audiovisuales**. Castelló de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2001. p. 223-230.